

LE FARÒ DA PADRE / 1974

(La Bambina – Uma Nova Forma de Amor)

um filme de **Alberto Lattuada**

Realização: Alberto Lattuada / **Argumento:** Alberto Lattuada, Ottavio Jemma e Bruno Di Geronimo, baseado numa história deste último / **Direcção de Fotografia:** Lamberto Caimi / **Música:** Fred Bongusto / **Montagem:** Sérgio Montanari / **Interpretação:** Luigi Proietti (Saverio Mazzacoli), Irene Papas (Raimonda Spina), Teresa Ann Savoy (Clotilde), Mario Scacchia (Don Amilcare), Bruno Cirino (Peppe), Lina Polito (Concetta), Maria Pia Attanasio (Avó Anastasia), Gabriella Ceramelli (aia), Clelia Matania (tia Lore), Isa Miranda, etc.

Produção: Clesi Cinematografica – Relic / **Produtor:** Sívio Clementelli / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, falada em italiano com legendas em português, 107 minutos / **Estreia em Portugal:** Londres, a 30 de Setembro de 1975.

Os anos finais da carreira (essencialmente, décadas de 70 e 80) de Alberto Lattuada foram, para o cineasta, uma época de relativo eclipse. Embora regularmente activo (até 1989, quando assinou um episódio de um filme de sketches), a maior parte dos filmes deste período está (muito) mais esquecida do que aqueles, bem mais antigos (**Anna, Il Cappotto, Guendalina**, entre outros), que realizou durante os anos 40 e 50 – e que ficaram como expoente da sua obra. Nestes anos finais, Lattuada trabalhou também para televisão (assinando, por exemplo, uma série sobre Cristóvão Colombo que chegou a passar na TV portuguesa), e não terá evitado, nos filmes para cinema, alguma “contaminação” da linguagem mais formatada do telefilme (e no caso do filme que vamos ver isso será particularmente visível; aliás, o próprio genérico inicial se diria típico de uma série ou telefilme).

Em **Le Faró da Padre** estamos, por conseguinte, longe do melhor Lattuada, embora, segundo rezam as crónicas, encontremos aqui o mais estimável do “pior Lattuada”. Contendo debilidades evidentes, pelo menos suficientemente evidentes para que pareça pacífico dizer-se que se trata de um “filme falhado”, é não obstante um filme curioso e, até, um filme arriscado (mormente na segunda parte, com a relação entre o protagonista e a miúda meia-atrasada mental). Aliás, é quase um “dois em um”, tanto parecem co-existir daqui dois filmes diferentes, mesmo que narrativamente contíguos.

Começa, num registo e num estilo bastante “italianos”, como um filme de “classes” – com a paródia, em tons não muito distantes aos do de um Fellini, a uma aristocracia senilizada, onde nem falta uma improvável “condessa russa” velha como tudo. Antes disso víamos já o protagonista – Luigi Proietti, no papel de um *avvocato* oportunista – esboçar as suas ambições de riqueza e os projectos de investimento no imobiliário (um horroroso complexo turístico junto à costa, algures no sul de Itália), comentar a “inutilidade” (para ele) de uma

nomeação ministerial, e explicar a que ponto os seus interesses imobiliários o conduzem à família Spina, representada, desde a morte do Conde Spina, pela sua mulher, a Condessa Raimonda (Irene Papas). Ou seja, como dados iniciais, aparecem-nos o cruzamento entre os bastidores político-financeiros da sociedade italiana (que nunca tiveram propriamente a fama de serem a coisa mais clara do país) e as ruínas do que outrora fora o “topo” dessa sociedade, a aristocracia agora reduzida a um conjunto de “freaks” fellinianos. Filme de “manigâncias”, imaginamos então, coisa bem italiana, e alguma ferocidade satírica no desenho da erosão da estrutura social – a tirada mais cruel é a alusão à “decadência do sangue”, quando é apresentada a personagem de Clotilde, filha de Raimonda, uma rapariga dos seus 17 ou 18 anos (ou menos ainda) que tem uma idade mental não superior a 3. Esta personagem – que é introduzida na melhor cena do filme, a rapariga fixada na mira técnica da RAI, como que hipnotizada – será a personagem-chave do filme.

E personagem-chave, em primeiro lugar, porque se trata do veículo escolhido por Proietti para endrominar a *Contessa*. Como a rapariga, dado o seu estado mental, não tem nem possivelmente nunca terá pretendentes, ele pede-a em casamento, passo essencial na sua estratégia “comercial”. Mesmo que Papas não tenha uma personagem verdadeiramente desenvolvida para defender (mas mais ninguém tem, na verdade), tem pelo menos a personagem com mais “mistério” (muito por culpa da aura, contida e indefinida, que Papas lhe empresta), e a relação dela com Proietti, dois “escorpiões” a ver quem pica primeiro o outro, é do melhor que o filme tem.

Ora acontece o inesperado (e é aqui que começa o segundo filme) – Proietti, depois de mais uma manigância que o espectador acompanhará – apaixona-se mesmo por Clotilde. **Le Faro da Padre** torna-se então um filme de obsessão, e um filme erótico de “alto risco” – com Proietti no duplo e ambíguo papel de “pai” e “amante” (é isso o título original do filme, “serei um pai para ela”, em tradução pelo menos mais fiel do que a encontrada pelo distribuidor português). É bastante surpreendente, de facto. E de espectador para espectador mudará a reacção às cenas bastante explícitas entre o avvocato e a rapariga, cujo comportamento infantil num corpo de mulher é suficiente para que se imagine a divisão de opiniões: será isto apenas “perturbante”, ou antes liminarmente “obsceno”, espécie de fantasia pedófila mal disfarçada e razoavelmente “exploitative”? Não há, por certo, nenhuma sofisticação da **Lolita** (seja a de Nabokov ou a de Kubrick) nem sombra dos seus remoinhos psicológicos – mas justamente é a sua troca por uma espécie de inocência incestuosa (em Espanha o filme chamou-se *El Padre Putativo*, não sabemos se com ou sem trocadilho) que perturba mais. E perturba, sobretudo, porque há um lado exibicionista nessas cenas que se esgota em si próprio, como se não passassem de um pretexto para “frissons” de cariz erótico. E em última análise, por mais perversos que sejam os condimentos, não passará disso mesmo. Aliás, a maneira como Lattuada filma o corpo da rapariga (uma inglesa que aqui se estreava e mais tarde veio a ser uma das protagonistas do **Calígula** de Tinto Brass antes de praticamente desaparecer do mapa) às vezes passa um bocadinho das marcas, num mau gosto que não ficaria desenquadrado num filme pornográfico.

Mesmo que no fim, portanto, ganhe o “exploitation” mal disfarçado, **Le Faró da Padre** é um filme que tem uma primeira parte muito razoável e que, mesmo (em nosso ver) estendendo-se ao comprido na segunda, demonstra uma vontade de correr riscos (ou uma “inconsciência” do risco) que fazem dele um objecto interessante.

Luís Miguel Oliveira